



DOUTORADO SANDUÍCHE: **RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL ÉTNICO- RACIAL**

Marcos Antonio Batista da Silva

marcos.psico@yahoo.com.br

Centro Universitário Fieo

RESUMO: Este artigo tem como propósito apresentar um relato de experiência de estágio de Doutorado Sanduíche oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, realizado na Universidade de Coimbra junto ao Centro de Estudos Sociais, Coimbra, Portugal no período de janeiro a junho de 2015, e despertar o interesse dos estudantes de doutorado dos programas brasileiros de pós-graduação por essa modalidade de intercâmbio. Com esta experiência, verificou-se a importância da cooperação entre pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior e fortaleceu-se discussões teóricas atuais sobre relações étnico-raciais, o que resultou um frutífero intercâmbio entre a Universidade de Coimbra e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, visando o desenvolvimento de pesquisa de tese de doutorado em Psicologia Social.

PALAVRAS-CHAVE: pós-graduação, psicologia social, mobilidade internacional, internalização.

“SANDWICH DOCTORATE”: REPORT OF ETHNO-RACIAL INTERNATIONAL EXPERIENCE

ABSTRACT: This article aims to present report of Doctoral internship experience sandwich offered by Higher Education Personnel Improvement Coordination, held at the University of Coimbra with the Centre for Social Studies, Coimbra, Portugal in the period January to June 2015, and awaken interest of doctoral students of Brazilian graduate programs in this type of exchange. With this experience, it was the importance of cooperation among researchers and institutions in Brazil and abroad, and strengthened current theoretical discussions on ethnic-racial relations, which resulted in a fruitful exchange between the University of Coimbra and the Pontifical Catholic University of São Paulo for the development of doctoral thesis research in Social Psychology.

KEYWORDS: graduate study, social psychology, international mobility, internalization.

Introdução

O Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE (BRASIL, 2011) foi instituído em 2011, em substituição ao Doutorado Sanduíche Balcão e ao Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE). A alteração visou ampliar o número de cotas concedidas às Instituições de Ensino Superior (IES) e dar maior agilidade no processo de implementação das bolsas de estágio de doutorando no exterior. A Pró-reitoria de Pós-graduação das IES, ou órgão equivalente, é responsável por gerenciar as cotas, homologar as candidaturas, divulgar os resultados e realizar o acompanhamento dos bolsistas e egressos, mantendo a Capes informada sobre o andamento do estágio no exterior e garantindo o cumprimento das normas do PDSE.

Este é um Programa de tipo de bolsa individual e tem por objetivo apoiar a formação de recursos humanos de alto nível, por meio da concessão de cotas de bolsas de doutorado sanduíche no exterior às IES, com cursos de Doutorado reconhecidos pela Capes. O estágio no exterior deve contemplar, prioritariamente, a realização de pesquisas em áreas do conhecimento menos consolidadas no Brasil.

A mobilidade do Doutorado Sanduíche¹ oferece como benefícios: mensalidade, seguro saúde, auxílio deslocamento, auxílio instalação, auxílio cidade de alto custo (conforme Portaria nº 60 de 4 de maio de 2015)² e tem duração de no mínimo 4 (quatro) e no máximo 12 (doze) meses. Vale ressaltar que é vedado o acúmulo de bolsa destinada à mesma finalidade, quando concedida por agência de fomento brasileira. Estudantes/pesquisadores que já usufruíram da bolsa no exterior não poderão ser contemplados novamente, na mesma modalidade, mesmo após o cumprimento do interstício exigido, exceto para bolsas de pesquisa pós-doutoral.

A internacionalização da ciência vem sendo objeto de grandes debates no Brasil, e mais do que isto, de grande investimento, podemos citar como exemplo o Programa Ciência sem Fronteiras CsF (CARVALHO et al., 2014), mas são poucos os estudos.

Avancini (2013) discutiu sobre a vida de pesquisadores fora do país. Por um lado, a autora indica obstáculos que fizeram parte da trajetória de vida e educacional dos

¹ No que tange as condições para inscrição o candidato deve conferir calendário de inscrição na página eletrônica da Capes. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-externor/programa-de-doutorado-sanduiche-no-externor-pdse>>. Acesso em 28 mai. 2017.

² Portaria nº 87, de 20 de junho de 2016 – Regulamento para bolsas no exterior.

pesquisadores que optaram por viver no exterior (barreira da língua, competitividade do ambiente de trabalho, adaptação à cultura do país estrangeiro). Por outro, essas dificuldades foram compensadas pelos ganhos no campo profissional, propiciados por um ambiente profissionalizado, além de uma rede de relacionamento que se estabeleceu nos centros de pesquisa que se fizeram importantes para a carreira do pesquisador.

Silva (2012) fez uma revisão dos programas de cooperação acadêmica internacional promovida pela Capes e conclui que esses programas estabelecem relações institucionais e pessoais, que repercutem positivamente nos programas de graduação e pós-graduação brasileiros, além de contribuir na formação de pessoal qualificado e de núcleos de pesquisa de excelência.

Castro et al. (2012, p.36) colocaram o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) em contexto e questionaram: qual seria o seu impacto no cenário brasileiro? Como atender as necessidades de outras áreas não cobertas pelo CsF? “Para que a ciência brasileira se torne realmente sem fronteiras, é preciso que se desbravem novos caminhos em todas as direções”.

Para Salvetti et al. (2013, p.201), o estágio de doutorado no exterior, “é uma oportunidade de aprimorar as habilidades em pesquisa, destacar-se no meio acadêmico e estabelecer e/ou ampliar oportunidades de trabalho em contexto internacional”. Para os autores, a vivência e experiência internacional do aluno “favorece a internacionalização dos programas de pós-graduação e dos grupos de pesquisa brasileiros”.

Souza (2008), em seu relato de experiência internacional de mobilidade educacional oferecido pela Capes que teve como enfoque o aprofundamento dos aspectos conceituais e práticos relacionados à saúde da mulher e seus direitos sexuais e reprodutivos, dá ênfase à importância da cooperação entre pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior “fortaleceu-se o compromisso com um projeto de emancipação profissional e social, por meio da pesquisa e deste tipo de cooperação” (SOUZA, 2008, p.358).

Por sua vez, Silva et al. (2014, p.781) nos relatam que o doutorado sanduíche “configura-se como uma estratégia profícua de internacionalização do conhecimento e incremento à formação, cabendo às instituições atrair e estimular os jovens talentos [...] a investirem na sua realização”.

O Programa Inglês sem Fronteiras propôs incentivar o aprendizado do idioma inglês, para que os estudantes alcançassem o nível de proficiência exigido nos exames linguísticos para o ingresso nas universidades estrangeiras. Será que temos no Brasil uma política linguística que favoreça uma educação bilíngue? (SOARES, 2014; ARCHANJO, 2015; SARMENTO; KIRSCH, 2015).

Mobilidade internacional, doutorado sanduíche

O desenvolvimento da tese de doutorado sobre a temática das relações étnico-raciais realizada no Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foi marcado por duas fases distintas: junto ao Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade (NEGRI) e posteriormente junto ao Núcleo de Estudos da Dialética Exclusão Inclusão Social (NEXIN).

Em virtude do falecimento da minha orientadora, em setembro de 2014, - Professora Fúlvia Rosemberg, uma das maiores referências do país, com reconhecimento internacional com suas pesquisas sobre ações afirmativas, relações de gênero e infância, a quem mais uma vez agradeço pelas contribuições sempre assertivas durante as orientações -, a pesquisa passou a ser orientada pela coordenadora de outro grupo de pesquisa (NEXIN). Assim, a pesquisa dialogou também com as dimensões da exclusão social, abrangendo as dimensões: objetiva, referente à desigualdade social; ética, referente às injustiças sociais; subjetiva, referente ao sofrimento ético-político produzido pela exclusão social (SAWAIA, 2006).

Durante o desenvolvimento da tese realizou-se uma modalidade educacional internacional, com o apoio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal junto ao Centro de Estudos Sociais (CES), entre janeiro de junho de 2015.

Durante seis meses, realizou-se, principalmente, o refinamento do material teórico e o aprofundamento da discussão sobre o racismo na Europa Contemporânea. A integração com a orientadora do CES trouxe valiosas contribuições para a pesquisa. Nenhuma disciplina foi formalmente cursada, porém com participação em aulas ministradas pelo professor doutor Boaventura de Sousa Santos, diretor do CES, nas quais foram abordadas algumas temáticas tais como: Europa do Sul e América Latina;

Aprendizagens globais; Para que servem as constituições? Povo, populismo e democracia.

Houve participação também em diversos outros eventos, tanto os pontuais, promovidos pela Universidade de Coimbra – oficinas, seminários, colóquios, *workshops* com professores visitantes, quanto participações acadêmicas em outras universidades - Universidade do Minho, Braga, Portugal -, com apresentação de trabalhos³, durante a estadia. O processo de imersão à cultura portuguesa, a língua portuguesa (de Portugal) e ao sistema de ensino, sem dúvida foram proveitosos em termos de aprendizagem e experiência. Contudo, antes de detalhar a experiência acadêmica em Coimbra, Portugal, é interessante apresentar brevemente alguns pontos, que foram importantes para a realização do estágio doutoral.

As negociações sobre a possibilidade do estágio doutoral tiveram início durante uma orientação. Recordo-me que na ocasião, estava sendo transmitido o jogo da seleção brasileira de futebol (copa do mundo de 2014), contra a seleção de futebol de Camarões. Na ocasião trajava o uniforme da seleção brasileira, talvez uma forma ingênua de indicar que estava mais voltado para o evento esportivo, em detrimento da orientação. Hoje, revendo, penso que todos os segundos daquela orientação foram importantes.

O objetivo do doutorado no exterior firmou-se, várias redes de relações contribuíram para o êxito da mobilidade educacional internacional. Conseqüentemente, todos os eventos na Europa (participações em Colóquios, Congressos, Seminários, Aulas, Apresentação de trabalhos) e outros, propiciaram o desenvolvimento do estágio, bem como o autoconhecimento sobre a negritude, me autodeclaro negro. Nessa perspectiva, Guimarães (2005) afirma que “[...] para os afro-brasileiros, para aqueles que chamam a si mesmos de negros, o antirracismo tem que significar, antes de tudo, a admissão de sua raça, isto é, a percepção racializada de si mesmo e dos outros” (GUIMARÃES, 2005, p.43). Foi a partir disso, que comecei a participar dos eventos propostos pelo programa de estudos e compreender as lógicas do racismo na Europa contemporânea, junto ao Centro de Estudos Sociais (CES).

³ 18º Seminário-Almoço CICS-Uminho.3 março 2015. Laboratório Pedagógico Sociologia II, ICS-Dinamizador: Marcos da Silva-Tema: Trajetória educacional de mestres/as negros/as paulistas: barreiras e impulsos. Disponível em: <<http://cics.uminho.pt/?p=8323&lang=pt>>.

O CES⁴ é um Laboratório Associado do Ministério da Educação e Ciências (MEC), de Portugal, desde 2002, direcionado à investigação e formação avançada nas diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. É dirigido desde a sua fundação em 1978 pelo professor Boaventura de Sousa Santos. O CES, de acordo com informações do *Relatório e Contas 2014* (2014), contava com 128 investigadores, 58 investigadores juniores, 25 funcionários, 101 investigadores em pós-doutoramento, 387 estudantes de *PhD* e 101 estudantes de pós-doutoramento. Muitos dos investigadores desenvolvem a sua atividade em tempo integral no CES, combinando o restante da investigação com a docência nas Faculdades de Economia, Letras e Ciências e Tecnologias, ou com outras atividades profissionais.

O corpo de investigadores do CES é interdisciplinar, nesse encontram-se sociólogos, economistas, juristas, antropólogos, historiadores, psicólogos, especialistas das áreas da educação, da literatura, da cultura e das relações internacionais, geólogos, arquitetos, engenheiros ou biólogos, entre outros.

Ao longo dos últimos anos, o CES tem conhecido uma assinalável expansão da sua atividade científica, com o alargamento do quadro dos seus investigadores, na sua progressão académica, na multiplicação dos projetos de investigação em que estes têm estado envolvidos, na criação de vários programas de doutoramento, no aumento das redes de cooperação internacional, nas atividades de cooperação com o meio exterior e na vitalidade dos seus principais instrumentos de divulgação científica, como é o caso das publicações ou das atividades de disseminação científica.

Os projetos de investigação, as redes científicas internacionais e os programas de doutoramento em que os investigadores do CES têm estado envolvidos na última década, dão conta do dinamismo da instituição, que viu, em 1997, em 1999, e, mais recentemente, em inícios dos anos de 2005 e 2010, os seus méritos científicos reconhecidos, ao ser classificado de Excelente por um júri internacional, no âmbito do Processo de Avaliação de Unidades de Investigação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Em Fevereiro de 2002, foi concedido ao CES o estatuto de Laboratório Associado pelo Ministério da Ciência, renovado por mais 10 anos em 2011, com base nas seguintes

⁴ De acordo com informações que constam da página eletrônica. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/ces/>>. Acesso em mai. 2015.

orientações estratégicas: promoção de novas epistemologias e estímulo à interação cultural de ideias e à investigação inovadora; reforço da participação em redes nacionais e internacionais, com especial enfoque na cooperação com os países de língua portuguesa no âmbito das relações Norte-Sul e na Europa; apoio ao desenvolvimento de concepções progressistas de direitos humanos e ao aprofundamento da democracia; aprofundamento do conhecimento sobre a sociedade portuguesa numa perspectiva comparada, promotora do debate; apoio à formulação de políticas públicas e a reforma da administração da justiça; e promoção dos estudos pós-graduados e de atividades de formação avançada.

O CES está organizado em núcleos de investigação - unidades descentralizadas que englobam um conjunto de investigadores interessados em áreas ou temas relacionados entre si. Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura (CCArq). Núcleo de Estudos sobre Ciência, Economia e Sociedade (NECES). Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP). Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades (POSTRADE). Núcleo de Estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE), vale ressaltar que foi este o Núcleo de que fiz parte durante o Doutorado Sanduíche.

O DECIDE contempla as seguintes Linhas de investigação, a saber: Direitos humanos, violências e cidadania; Estado, administração da justiça e políticas públicas; Democratização, participação política e acesso aos direitos e às justiças numa perspectiva comparada; (Anti-)racismo, cidadania e processos políticos; Memórias, construções identitárias e reconhecimento; Consumo, endividamento e sobre endividamento das famílias. Dentre os eventos dos quais participei, destaca-se, em particular: *Participatory Methods in Research on immigrant and diaspora Communities*; Manifestações festivas negras no Brasil: da proibição à salvaguarda; Cooperação Educacional Internacional, colonialidade e emancipação: o caso do Brasil e a formação de professores em Timor-Leste.

Houve participação também em outras duas atividades relacionadas ao tema das relações étnico-raciais promovidas pelos CES, no combate ao racismo, que promovem a participação efetiva dos diversos representantes das organizações antirracistas, dos movimentos de base, acadêmicos, através de estratégias fundamentais na produção da igualdade, no qual marquei presença, a saber: Seminário Antirracismo e Educação: debates a partir da experiência do Teatro do Oprimido.

Esse Seminário resultou da colaboração entre o Laboratório AMI-AFRO, que congrega o grupo de Teatro do Oprimido, da zona metropolitana de Lisboa (GT-LX), e investigadores do CES, que têm vários trabalhos sobre antirracismo e educação. O Seminário teve como objetivo partilhar experiências resultantes do diálogo entre a academia e as artes e mais particularmente discutiu as concepções e experiências de racismo e de lutas antirracistas, a produção e disseminação de conhecimento no sistema educativo, bem como os processos de conscientização política com públicos diversos.

Outro evento refere-se às CES *Summer Schools* que refletem a abordagem do CES, valorizando a transdisciplinaridade, o pluralismo epistémico, as perspectivas Norte/Sul, assim como uma intensa relação entre prática e teoria que conduza à produção de conhecimento, com vista à formulação de políticas públicas. O CES reúne académicos, especialistas, técnicos e ativistas e acolhe estudantes, profissionais e outros públicos, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida.

Nesse contexto, ao terminar o meu estágio doutoral no CES, fui convidado a integrar uma equipe de renomados pesquisadores, bem como de representantes de movimentos sociais que combatem o racismo, para as CES *Summer Schools- Racism, Eurocentrism and Political Struggles*⁵. Convite este que me deixou honrado e orgulhoso da minha trajetória educacional, especialmente por ser um “pesquisador negro”.

Para Santos (2008, p.11):

[...] negros intelectuais são em realidade os académicos de origem ou ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos Movimentos Sociais Negros, adquirindo ou incorporando destes uma ética da convicção anti-racismo que, associada e em interação com uma ética académico-científica que foi adquirida ou incorporada dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras ou estrangeiras, produz nestes intelectuais um ethos académico ativo que orienta as suas pesquisas, estudos, ações, bem como as suas atividades profissionais de professores universitários.

Entretanto, devido à falta de condições financeiras (despesas de viagem e estadia) para participação no evento de forma presencial, a iniciativa encontrada como estratégia foi à participação através de videoconferência. Este exemplo, vem reforçar que a mobilidade educacional ou a construção de uma trajetória educacional de “pesquisador negro” não propicia diretamente uma ascensão social e uma mobilidade educacional mais

⁵ Esta Escola de Verão do CES, abordou os debates e as lutas contemporâneas contra o racismo e eurocentrismo a três níveis: na produção de conhecimento, políticas públicas e movimentos de base.

ampla. Durante minha estadia em Portugal, não sofri nenhuma ação de racismo em nível interpessoal e/ou institucional, mas não posso afirmar que outros negros não sofram ou tenham sofrido.

Ao refletir sobre a minha trajetória de vida/educacional observo que a dimensão da ascensão social, isto é, a educação superior/pós-graduação permitiu ampliar o espaço de circulação na sociedade, não o suficiente ainda para uma mobilidade geográfica urbana, emprego, alto salário, entre outros, bem como não envolveu o desaparecimento do racismo.

Aprofundando essa discussão sobre racismo, encontramos autores como Essed (1991), Rosenberg et al. (2003) e Guimarães (2005), que adotam uma concepção de racismo que integra as dimensões estruturais e simbólicas (ideológicas), na compreensão das desigualdades raciais. Segundo esses autores, no plano simbólico, o racismo manifesta-se via adoção da crença (ou ideologia) da superioridade “natural” (geralmente mediada por uma noção, mesmo que vaga, de transmissão pelo sangue ou pela hereditariedade) de um grupo racial sobre outro (do branco sobre o negro). No plano estrutural, o racismo consiste no sistemático acesso desigual a bens materiais entre os diferentes segmentos raciais.

Esta conceituação considera o preconceito interpessoal como apenas uma das possíveis manifestações do racismo. Nesse sentido, enfatiza-se, sobretudo, relações sociais e não apenas tendências individuais de pessoas. Esta pesquisa compartilha com as reflexões desses autores sobre as desigualdades observadas entre negros e brancos no acesso a bens materiais e simbólicos, em razão do racismo constitutivo de nossa sociedade (SILVA, 2016).

O racismo ocorre dentro e fora dos “muros escolares”, por exemplo, quando sou apresentado a uma família branca, não é raro que essa apresentação se dê pela titulação. A inegável pertença racial precisa, de algum modo, ser atenuada pela titulação acadêmica. Ao me hospedar em hotéis em capitais brasileiras, não é raro também que a recepção se dê pela via da pertença racial: *Hello, can I help you*. O fato de ser negro é associado à ideia de que sou “estrangeiro”, mesmo não o sendo. Nesse aspecto, entende-se que o que sustenta o nosso discurso é a concepção de que o negro brasileiro não pode ter acesso a hotéis ou hotéis de qualidade.

Nesse sentido, quando estava a tomar um café com um amigo (branco), em bairro da zona sul da cidade de São Paulo, fomos interpelados por uma moradora de rua que nos pediu dinheiro, de pronto, respondi que não tinha, para a minha surpresa, a moradora de rua, branca, respondeu: não estou pedindo a você, estou pedindo ao branco. Nota-se que o racismo está posto na sociedade brasileira, independentemente de condição social.

Recentemente, também passei por um episódio constrangedor. Fui ministrar a primeira aula do semestre de uma disciplina do curso de Administração em uma faculdade particular em município da grande São Paulo (periferia). Alguns alunos da turma, com 50 inscritos, dos quais apenas dois eram negros, surpreenderam-se com minha presença. Estes alunos, todos brancos, disseram abertamente: “Cadê o professor?” “O que você faz aqui?”. Respondi: “Vim dar aula”, ao que eles retrucaram: “Ah, mas nós pensamos que você fosse aluno também!”. Um professor negro em um curso de Administração só pode ser um equívoco, não é?

O doutorado sanduíche e aprendizagens globais sobre o racismo

Vale ressaltar outro importante aprendizado durante o estágio doutoral; além das iniciativas já mencionadas neste texto, deparei-me com o Projeto de investigação *Tolerance* intitulado *Compreender as lógicas do racismo na Europa contemporânea* (MASEO; ARAÚJO, 2013). Esse *Projeto Tolerance* teve como objetivo conseguir melhor compreensão do racismo institucional, isto é, das formas através das quais o racismo – profundamente enraizado na história das democracias europeias e nas estruturas socioeconômicas e políticas existentes – ainda persistem, apesar de um aparente compromisso político para erradicá-lo.

O foco do projeto incidiu sobre o significado de racismo e antirracismo em diferentes contextos europeus (Alemanha, Dinamarca, Espanha, França, Itália, Portugal e Reino Unido), explorando a forma como estas ideias estão a ser moldadas pela mediação de organizações da sociedade civil, instituições e políticas públicas (em nível europeu, nacional, regional e local). A proposta apresentada no projeto foi a de que a persistência da discriminação racial na Europa precisa ser encarada como estando intimamente relacionada com interpretações inadequadas de racismo e antirracismo e, conseqüentemente, com soluções políticas ineficazes.

De acordo com Maseo; Araújo (2013, p.8):

Desde o início da primeira década do século XXI, houve avanços importantes na implementação e generalização de um quadro legal antirracista no seio da União Europeia, designadamente através da adoção da Diretiva relativa à igualdade racial (2000/43/CE) e da Diretiva para a igualdade de tratamento no emprego e na atividade profissional (2000/78/CE) - as iniciativas mais abrangentes até à data. Apesar disso, agências europeias de monitorização como a Agência dos Direitos Fundamentais (FRA) e a Rede Europeia Contra o Racismo (ENAR) produziram indícios significativos sobre a ineficácia das medidas existentes na luta contra o racismo e a discriminação racial. Os relatórios oficiais tendem a confirmar que as políticas nem sempre refletem a amplitude do problema, não desafiando substancialmente as desigualdades existentes.

Este foi um ponto de partida crucial para o Projeto *Tolerance*. Desse modo, apreender tal discussão foi importante durante o estágio doutoral, visto que permaneci por 6 meses em Coimbra, Portugal.

Nota-se logo de chegada algumas questões, no que se referiam a temática étnico-racial, por exemplo, não observa-se no refeitório da universidade negros (Africanos) e brancos (Europeus), sentado à mesma mesa. Fiquei intrigado e perguntei por que isso não ocorria, das inúmeras respostas que obtive, foi a de que cada grupo étnico preferia procurar seus pares, isto é, sentavam para refeições com seus conterrâneos, angolanos com angolanos, cabo-verdianos com seus pares etc..

Outra observação foi que a grande maioria dos brasileiros que lá estavam, se dividiam em grupos também, ora por Estados brasileiros, ora por nível de escolaridade (graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado). Nota-se número reduzido de negros brasileiros, tive contato estreito com dois negros, ambos do pós-doutorado, junto ao CES, um de pós-doutorado de São Paulo e outro de Uberlândia. Mas não foi objetivo da minha estadia em Portugal, abordar o perfil dos brasileiros negros que estavam estudando na Universidade de Coimbra. Assim, minha rede de relações interpessoais em Coimbra foi se construindo com vínculos mais estreitos com estudantes latino-americanos (bolivianos, equatorianos, colombianos), europeus (italianos, espanhóis, portugueses), africanos (moçambicanos, angolanos e cabo-verdianos).

Nos eventos sociais e nas práticas cotidianas, fui construindo relações, para ir, por exemplo, a uma barbearia, o fazia em salão africano (Cabo-Verde), ou para ir a uma “balada”, preferi o ritmo africano da dança angolana *kizomba*. Não posso deixar de registrar as reuniões na casa de amigos, em particular, da Giulia e Max, e do Leandro, além de contatos frequentes com outros brasileiros, latinos, italianos, espanhóis, africanos

e portugueses, onde discutíamos o cotidiano, os problemas da migração, do racismo e de gênero.

As viagens também se fizeram presentes em alguns países próximos. A cada viagem, novo aprendizado, culturas diferentes e sempre com um olhar sobre as questões étnico-raciais, por onde andava. Na Turquia, por exemplo, foi tal a interação com as crianças e adolescentes, que posei para fotografias, talvez o fato de ter me confundido com um “futebolista”, ou até mesmo, pela falta de referências de cor da pele, chamei a atenção dos infantes.

Na Irlanda, grupos com quem me relacionei, sugeriram-me que cantasse alguma música, ou até que dançasse um “samba”. Penso que está muito arraigado ainda na cultura europeia o estereótipo do negro brasileiro, como jogador de futebol, ou músico que passeia pela Europa, como se a universidade e ou academia não fosse à associação imediata de referência negra. Tal o espanto quando descobrem que estava lá para cursar o programa de doutorado na Universidade de Coimbra em Portugal.

Na Espanha, país que já faz parte da minha trajetória pessoal, local, onde tenho amigos e visito sempre que possível, percebi um silêncio sobre as questões raciais, principalmente, quando dizia sobre a temática da minha pesquisa. O fato de estar na época realizando estágio doutoral na Universidade de Coimbra, instituição de muito prestígio na Europa, sobressaiu ao tema pesquisado-relações raciais.

Em uma cidade europeia, certa manhã, fui convidado para um café, em um bar com bonita decoração no primeiro olhar, com fotos, adereços africanos, boa gastronomia e conversa muito interessante. Contudo, entre um café e outro e com um olhar mais apurado e surpreso, deparei-me com alguns quadros que retratam ainda ou procuram manter a supremacia racial, colocando o negro em situação de escravizado.

Embora a experiência descrita exponha aspectos desfavoráveis à população negra, não só de discriminações vive a Europa. Ao visitar outros espaços da mesma cidade, uma escola, deparei-me com uma campanha, que objetivava arrecadações para a infância (menino negro, projetando uma construção de um projeto de vida adulta – médico). Entretanto, na minha percepção, o negro é retrato como necessitado de ajuda, isto é, para que um menino negro construa seu futuro - é necessário, que seja doado o que lhe é de direito, a cidadania.

Entende-se que o racismo possui muitas faces contra a população negra, herança do passado escravagista presente na sociedade contemporânea. Ser discriminado significa ser associado a um destino embasado numa característica que não se escolhe. A discriminação é a instrumentalização da alteridade, constituída em favor da exclusão.

Essed (1986) conceitua discriminação como "atos que reforçam e (re) produzem as desigualdades raciais e étnicas da estrutura social". Para ela e para este pesquisador, a discriminação racista inclui todos os atos, verbais, não verbais e paraverbais, que resultam em consequências desfavoráveis para grupos étnico-raciais sub-representados. Portanto, a discriminação racista se define em termos de atos e suas consequências, no contexto macroestrutural de uma sociedade racista (ESSED, 1986, p.10-11).

Ao retomar as leituras realizadas e os contextos europeus analisados no Projeto *Tolerance*, que constituíram um conjunto de amostras variadas, permitindo uma abordagem de diversidade de processos históricos, políticos e sociais, observamos questões fundamentais para a compreensão do racismo nas democracias europeias contemporâneas: a necessidade de reconhecer as raízes históricas do racismo.

Nota-se que os debates realizados sobre o racismo no contexto de alguns países europeus possuem uma "tendência" a omitir o fato de que este fenômeno está incrustado na história da Europa. Uma das consequências contemporânea desta omissão é a ênfase na necessidade de sublinhar os aspectos e os efeitos positivos do colonialismo ou as diversas histórias nacionais de colonialismo benevolente, que geralmente informam as atuais intervenções políticas. Por exemplo, a ideia de que certas sociedades nacionais são mais acolhedoras do que outras, em relação a diferentes culturas (MASEO; ARAÚJO, 2013).

Em Portugal, por exemplo, o Projeto *Tolerance* evidencia que:

[...] O legado das ideias sobre o ‘colonialismo benevolente’ e os valores/culturas nacionais nas políticas de integração contemporâneas. Regulamento Geral do Trabalho dos Indígenas nas Colônias Portuguesas (1914). Os portugueses são, de todos os colonizadores, os que melhor e mais facilmente trazem ao seu domínio os povos africanos, pois que não temos o preconceito exagerado da separação de raças e somos levados, pelo nosso modo de ser, a tratar o indígena com tolerância e bondade, respeitando-lhes os usos e instituições, tanto quanto possível (apud Meneses, Maria Paula ‘O ‘Indígena’ africano e o colono ‘Europeu’: a construção da diferença por processos legais’, e-cadernos ces, 7, 2010, p. 76). Criação do ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (2002). A integração dos imigrantes na sociedade portuguesa constitui uma das metas enunciadas no Programa do XV Governo Constitucional, inserida no plano mais vasto de uma política para a imigração que não pode deixar de privilegiar os valores humanistas, que são verdadeiramente identificadores da cultura portuguesa (Presidência do Conselho de Ministros: Decreto-Lei 251/2002, 22 de novembro) (MASEO; ARAÚJO, 2013).

Isto é, ao dar ênfase ao racismo como se esse equivalesse às representações preconceituosas de imigrantes, minorias e cultura não ocidentais ou não europeias, parece ter impedido uma compreensão mais profunda deste fenômeno que permita reconhecer o papel central da noção de raça nas ideias sobre o que significa ser europeu, por conseguinte, dificulta-se a possibilidade de construir sociedades mais igualitárias e com menos desigualdades.

Um outro aspecto a considerar através de nossa leitura é que as abordagens científicas do combate ao racismo têm enfatizado o discurso de corrigir o racismo através da desmistificação dos preconceitos e atitudes em relação a grupos sub-representados. Porém, este contexto produz dois efeitos: a reprodução de uma ideia ingênua sobre a relação entre academia e a elaboração de políticas; a exclusão de uma análise aprofundada da cumplicidade da academia no silenciamento do racismo como um processo histórico e político. O Projeto *Tolerance* aponta que, muitas vezes, a Europa tem negligenciado a história de lutas políticas, assim tem ignorado ativamente a contribuição de intelectuais ativistas antirracistas mais críticos (MASEO; ARAÚJO, 2013).

No que se refere ao racismo institucional e às políticas de integração especificamente nas esferas do emprego e educação, o Projeto *Tolerance* sugere a necessidade de se questionar criticamente os pressupostos por trás dos discursos sobre integração, coesão social, interculturalidade e diferença cultural. Esses discursos podem estar dificultando a possibilidade de abordar o racismo como um problema social fundamental. Uma das principais consequências dos argumentos apresentados pode ser a marginalização das medidas e abordagens antirracistas, no âmbito da elaboração das políticas públicas. Por exemplo: a integração e interculturalidade são encaradas como

abordagens positivas para a diversidade, enquanto o antirracismo é entendido como tendo um efeito negativo e polarizador, ameaçando a coesão social.

Um outro exemplo é que a maioria dos agentes mediadores na área do emprego reconhece a ocorrência de preconceitos e atitudes negativas, que podem afetar as relações sociais no local de trabalho ou nos processos de recrutamento. Mas o racismo não é examinado como um problema estrutural e os organismos públicos não investem numa monitorização sistemática da discriminação racial e como esta afeta as oportunidades de vida dos imigrantes e de grupos sub-representados (MASEO, ARAÚJO, 2013).

Para Lopéz (2012, p. 79), o conceito de racismo institucional “emerge como organizador de uma nova pauta de ações que possibilita a mobilização dos vários atores sociais que intervêm no processo de elaboração de políticas públicas de promoção da igualdade racial” (p.126). Para Souza (2011), “A noção de racismo institucional explica a operação pela qual uma dada sociedade internaliza a produção das desigualdades em suas instituições”. De acordo com o Projeto *Tolerance*, na educação, percebe-se que o debate sobre o racismo está a ser desvalorizado, com o argumento de que é potencialmente perturbador para o *status quo* e só serve para os interesses dos imigrantes e das minorias (MASEO; ARAÚJO, 2013).

Na continuidade de relatos sobre o doutorado sanduíche, vale destacar as observações, no que se refere à mídia, especialmente aqueles que trabalham na imprensa, desempenham papel central como produtores de sentido de representações coletivas dentro de um quadro cultural comum. Muitas vezes, a imprensa contribui para a criação de representações dominantes. Isto é particularmente evidente nas principais abordagens ao multiculturalismo, à interculturalidade, à cidadania e à nação, refletindo a dificuldade persistente nas sociedades europeias de lidar com o desafio do racismo.

Durante a minha estada em Coimbra (por ocasião do estágio doutoral), um vídeo causou repercussão em Portugal. Nele, são registradas cenas de violência policial na cidade de Guimarães, Portugal, isto é, um torcedor de adulto, branco, em um estádio de futebol, que estava junto de seus familiares, foi agredido. O caso aconteceu no entorno do estádio Afonso Henrique, depois que o time de futebol Benfica enfrentou o Vitória de Guimarães (times de futebol português). Neste episódio, a Plataforma Gueto, Movimento Social Negro, manifestou-se com a *charge* como forma de protesto às questões étnicas em Portugal.

A crítica dos movimentos sociais é que apenas algumas notícias sugerem que o racismo estrutural deve ser considerado um problema grave. O silenciamento do racismo ou da discriminação contra os imigrantes e as minorias (pretos, ciganos, entre outros) é muitas vezes acompanhado por uma linguagem mais suave, pela mídia, ou seja, com ausência de igualdade e integração insuficiente.

É significativo observar que há a prática de denúncia da discriminação pelos ciganos, por um lado, a discriminação é denunciada, dando voz aos representantes das associações de ciganos e apontando as responsabilidades do Estado. Por outro lado, a representação dos ciganos como culturalmente inaptos e relutantes à integração é constantemente enfatizada, considerando, desta forma, que esse grupo é responsável pela sua própria exclusão (MASEO, ARAÚJO, 2013).

Em termos gerais, a participação no estágio doutoral e as leituras do Projeto *Tolerance* contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica, bem como para os estudos sobre relações étnico-raciais. Assim, esse Projeto identificou aspectos importantes que necessitam de maior clareza: o entendimento do racismo que tem informado as políticas públicas e o trabalho de agências de monitorização; a relação entre o enquadramento das políticas de integração ou inclusão e a reprodução do racismo; a crescente relevância, no âmbito da implementação de políticas públicas, das representações dos grupos sub-representados (negros, migrantes, ciganos, entre outros), como “grupos problemáticos” e relutantes à integração; as ligações entre essas imagens negativas e a reconfiguração de ideias e práticas de exclusão da pertença política europeia.

Considerações finais

Participar de um Doutorado Sanduíche é uma experiência enriquecedora, acadêmica e pessoalmente, na qual pude realizar principalmente o refinamento do material teórico da pesquisa e o aprofundamento da discussão sobre o racismo na Europa contemporânea. O combate ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e às mais diversas formas de intolerância compareceram às agendas de diferentes países e fóruns mundiais, fortalecendo as agendas antirracistas e inclusivas.

Com este texto, através da experiência e vivência no Doutorado Sanduíche espera-se poder colaborar com a ampliação e o fortalecimento do diálogo na produção de conhecimento entre academia, movimentos sociais e instituições públicas, sobretudo no âmbito da educação e pesquisa, em particular sobre a temática das relações étnico-raciais.

Por fim, mas não menos importante, consideramos que não é possível um completo distanciamento entre sujeito e objeto, bem como entre as análises teóricas e as posições políticas dos autores, posto que todos partimos de algum lugar sociocultural, econômico, territorial, temporal (ARAÚJO, 2010). Nesse sentido, a realização do estágio doutoral propiciou a troca de experiências intensas pela relevância do tema e o posicionamento que afetaram o pesquisador e colaboradores. Agradeço a CAPES pela bolsa de estudo, que me proporcionou condições materiais para me dedicar, com exclusividade, ao projeto de pesquisa, bem como a todos que contribuíram para a construção do conhecimento, em particular a PUC-SP (Professor Fúlvia Rosemberg), Universidade de Coimbra/CES (Professora Silvia Rodríguez Maeso).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Amílcar. **O mundo negro: Relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- ARCHANJO, R. Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 621-656, set. 2015 .
- AVANCINI, M. M. A vida de pesquisadores brasileiros fora do país. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 65, n. 4, 2013.
- BRASIL. **Decreto nº 7.642 de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF, 13 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acesso em: 16 fev. 2016.
- CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Portaria nº 60 de 4 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acesso em: 2 out. 2016.
- CARVALHO, M S.; TRAVASSOS, C.; COELI, C. M. A internacionalização da ciência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 8, p. 1585-1587, ago. 2014.
- CASTRO, C.M.; BARROS, H.; ADLER, J.I. SCHWARTZMAN, S. Cem mil bolsas no Exterior. *Interesse Nacional*, v.2, p.25-36, 2012.
- CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. Relatório e contas 2014. Disponível em <https://www.ces.uc.pt/ces/pdf/Relatorio_e_Contas_CES_2014.pdf>. Acesso em 2 out. 2016.

ESSED, P. **Understanding everyday racism: interdisciplinary theory.** Londres: Sage, 1991.

_____. **The Dutch as an everyday problem: some notes on the nature of white racism.** Amsterdam, Centre for Race and Ethnic Studies, 1986.

GUIMARÃES, A.S.A. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2005.

LÓPEZ, L.C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

MAESO,S.R;ARAUJO.M.Compreender as lógicas do racismo na Europa contemporânea :Projeto de Investigação TOLERACE- Brochura com principais resultados e recomendações.(2013). Disponível em <http://www.ces.uc.pt/projectos/tolerance/media/TOLERACE_booklet_pt.pdf>. Acesso em 2 out. 2016.

ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan/jun 2003.

SALVETTI, M. G.et al. Doutorado sanduíche: considerações para uma experiência de sucesso no exterior. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre , v. 34, n. 1, p. 201-204, mar. 2013.

SANTOS, A.S. **De militantes negros a negros intelectuais.** In: VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas, Lisboa. 2008.

SARMENTO, S.; KIRSCH, W. Inglês sem fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores. **Ilha Desterro**, Florianópolis, v. 68, n. 1, p. 47-59, mar. 2015.

SAWAIA, B. B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão uma análise ético-psicossocial da desigualdade.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SILVA, M.A.B. Discursos étnico-raciais de pesquisadores (as) negros (as) na pós-graduação: acesso, permanência, apoios e barreiras. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 537-540, ago. 2016.

SILVA, R. C.; FERREIRA, M. A.; APOSTOLIDIS, T. Doutorado Sanduíche como estratégia para internacionalização do conhecimento da enfermagem. **Ciência, Cuidado e Saúde (Online)**, v. 13, p. 782-787, 2014.

SILVA, S.M. W. **Cooperação Acadêmica Internacional da Capes na Perspectiva do Programa Ciência Sem Fronteiras.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências Químicas da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SOARES, M.S. **As contribuições do ensino de língua estrangeira no Brasil reveladas pelo Programa Ciência Sem Fronteiras**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 2014.

SOUZA, A. S. Racismo Institucional: para compreender o conceito. **Revista da ABPN** v. 1, n. 3 – jan. de 2011, p. 77-87. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/39>>. Acesso em: 4 out. 2016.

SOUZA, K. V. Intercambio educacional internacional en la modalidad doctorado sándwich: relato de experiencia. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 358-363, Jun. 2008.

Recebido em: 30/11/2016

Aprovado em: 28/03/2017